

PORTUGAIS

Commenter en portugais le texte suivant et le traduire du début [l. 1] « E, subitamente ... » jusqu'à [l. 23] « ... ao tã-tã de Satanás. ».

E, subitamente, é a era do Automóvel. O monstro transformador irrompeu, bufando, por entre os descombros da cidade velha, e como nas mágicas e na natureza, aspérrima educadora, tudo transformou com aparências novas e novas aspirações. Quando os meus olhos se abriram para as agruras e também para os prazeres da vida, a cidade, toda estreita e
5 toda de mau piso, eriçava o pedregulho contra o animal de lenda, que acabava de ser inventado em França. Só pelas ruas esguias dois pequenos e lamentáveis corredores tinham tido a ousadia d'aparecer. Um, o primeiro, de Patrocínio, quando chegou, foi motivo de escandalosa atenção. Gente de guarda chuva de baixo do braço, parava estarelecida com se tivesse visto um bicho de Marte ou um aparelho de morte imediata. Oito dias depois, o
10 jornalista e alguns amigos, acreditando voar com três quilômetros por hora, rebentavam a máquina de encontro às árvores da rua da Passagem. O outro, tão lento e parado que mais parecia uma tartaruga bulhenta, deitava tanta fumaça que, ao vê-lo passar, várias damas sufocavam. A imprensa, arauto do progresso, e a elegância, modelo do snobismo, eram os percussores da era automobilica. Mas ninguém adivinhava essa era. Quem poderia pensar na
15 futura influência do Automóvel diante da máquina quebrada de Patrocínio? Quem imaginaria velocidades enormes na carriola dificultosa que o conde Guerra Duval cedia aos clubes infantis como um brinco idêntico aos baloiços e aos pôneys mansos? Ninguém! absolutamente ninguém.

— Ah! um automóvel, aquela máquina que cheira mal?

20 — Pois viajei nele.

— Infeliz!

Para que a era se firmasse fora precisa a transfiguração da cidade. E a transfiguração se fez como nas férias fulgurantes, ao tã-tã de Satanás. Ruas arrasaram-se, avenidas surgiram, os impostos aduaneiros caíram, e triunfal e desabrido o automóvel entrou, arrastando
25 desvairadamente uma catadupa de automóveis. Agora, nós vivemos positivamente nos momentos do automóvel, em que o chofer é rei, é soberano, é tirano.

Vivemos inteiramente presos ao Automóvel. O Automóvel ritmiza a vida vertiginosa, a anciã das velocidades, o desvario de chegar ao fim, os nossos sentimentos de moral, de estética, de prazer, de economia, de amor.

30 Mirbeau escreveu: — “O gosto que tenho pelo *auto*, irmão menos gentil e mais sábio do barco, pelo patim, pelo balanço, pelos balões, pela febre também algumas vezes, por tudo que me leva e me arrasta, de pressa, para além, mais longe, mais alto, além da minha pessoa, todos esses apetites são correlatos, têm a origem comum no instinto, refreado pela civilização, que nos leva a participar dos ritmos, de toda a vida, da vida livre, ardente, e vaga, vaga, ai!
35 como os nossos desejos e os nossos destinos...”

Não, eu não penso assim. O meu amor, digo mal, a minha veneração pelo automóvel vem exatamente do tipo novo que Ele desenvolve entre mil ações da civilização, obra Sua na vertigem geral. O automóvel é um instrumento de precisão fenomenal, o grande reformador das formas lentas.

40 Sim, em tudo! A reforma começa, antes de andar, na linguagem e na ortografia. É a simplificação estupenda. Um simples mortal de há vinte anos passados seria incapaz de compreender, apesar de ter todas as letras e as palavras por inteiro, este período: “O Automóvel Clube do Brasil tem negócios com a Sociedade de Automóveis de Reims, na garage Excelsior.” Hoje, nós ouvimos diálogos bizarros:

45 — Foste ao A.C.B.?

— Iéss.

— Marca da fabrica?

— F.I.A.T. 60 H.P. Tenho que escrever ao A.C.O.T.U.K.

50 O que em palestra diz-se ligando as letras em palavras de aspecto volapuqueano, mas que traduzido para o vulgar significa que o cavalheiro tem uma máquina da Fábrica Italiana de Automóveis de Turim, da força de 60 cavalos e que vai escrever para o Aéreo Club do Reino Unido.

É ou não é prodigioso? É a língua do futuro, a língua das iniciais só entrevista segundo Bidon pelo genial José de Maistre, que fazia *cadáver* (mesmo credor) derivar de *corpus datus vermibus*.

Um artigo de duzentas linhas escreve-se em vinte quase, estenografado. Assim como encurta tempo e distâncias no espaço, o Automóvel encurta tempo e papel na escrita. Encurta mesmo as palavras inúteis e a tagarelice. O monossílabo na carreira é a opinião do homem novo. A literatura é ócio, o discurso é o impossível.

60 Mas o automóvel não simplifica apenas a linguagem e a ortografia. Simplifica os negócios, simplifica o amor, liga todas as coisas vertiginosamente, desde as amizades necessárias que são a base das sociedades organizadas, até o idílio mais puro.

Um homem, antigamente, para fazer fortuna, precisava envelhecer. E a fortuna era lamentável de pequena. Hoje, rapazolas que ainda não têm trinta anos, são milionários. 65 Porque? Por causa do automóvel, por causa da gasolina, que fazem os meninos nascer banqueiros, deputados, ministros, diretores de jornal, reformadores de religião e da estética, aliás com muito mais acerto que os velhos.

Se não fossem os 120 quilômetros por hora dos Dietriche de *course* não se andaria moralmente tão depressa. O automóvel é o grande suggestionador. Todos os ministros têm 70 automóveis, os presidentes de todas as coisas têm automóveis, os industriais e os financeiros correm de automóvel no desespero de acabar de pressa, e andar de automóvel, é sem discussão, o ideal de todo a gente.

João DO RIO (1881-1921), “A era do automóvel”
(fragmento), *Vida vertiginosa*, 1911.